

Torre Velha 3 (Serpa)

dados preliminares

Catarina Alves¹, Catarina Costeira¹, Susana Estrela¹,
Eduardo Porfírio¹ e Miguel Serra¹

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico de Torre Velha 3 foi intervencionado por uma equipa da empresa Palimpsesto Lda., no âmbito do projecto de *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural Decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa)*, integrado no Projecto de Alqueva, a cargo da EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva S.A. O sítio foi alvo de duas fases distintas de intervenção arqueológica, perfazendo no total 13 996 m², correspondente à área afectada directamente por aquela infra-estrutura (ALVES *et al.* 2009).

Torre Velha 3 localiza-se na freguesia de São Salvador, concelho de Serpa e distrito de Beja, nas coordenadas geográficas: M = 253 962,711; P = 111 569,121 (sistema de projecção Hayford-Gauss, DATUM 73).

Implanta-se numa elevação suave, a uma cota máxima de 180,70 metros, ligeiramente mais acentuada pelos lados Norte e Oeste, e é delimitada a Este e a Norte pela Ribeira da Laje, afluente da Ribeira do Enxoé. Em termos geológicos, situa-se no maciço de Beja, mais concretamente numa unidade conhecida como “Pórfiros de Baleizão”, unidade (sub)vulcânica ácida, pós-metamórfica, caracterizada pela tonalidade avermelhada dos afloramentos (OLIVEIRA *et al.* 1992: 29) (Figs. 1 e 2).

Neste artigo, apresentamos as primeiras informações sistematizadas acerca das diversas ocupações que o sítio arqueológico conheceu. A intervenção permitiu conhecer contextos arqueológicos datados do Calcolítico, da Idade do Bronze, da I Idade do Ferro e da Antiguidade Tardia, num total de 589 evidências, a grande maioria referente a estruturas negativas relacionadas com actividades de apoio a um núcleo habitacional e a estruturas sepulcrais (Fig. 3).

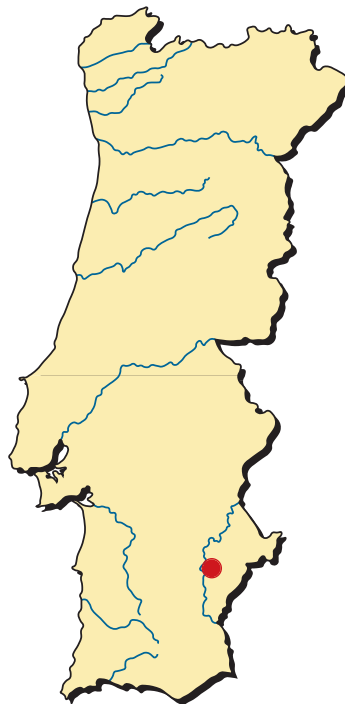


FIG. 1 – Localização de Serpa no mapa de Portugal.

RESUMO

Resultados da escavação arqueológica realizada na Torre Velha 3 (Serpa, Beja), onde uma primeira ocupação calcolítica tem continuidade na Idade do Bronze, com contextos de cariz funerário e habitacional, de entre os quais se destaca um dos maiores conjuntos de estruturas funerárias em hipogeu encontrados até à data no Baixo Alentejo. O sítio acolheu ainda comunidades da 1ª Idade do Ferro e, finalmente, revelou um dos mais importantes núcleos habitacionais e funerários de cronologia tardo-romana do Sul de Portugal.

PALAVRAS CHAVE: Idade do Cobre; Idade do Bronze; Idade do Ferro; Época Romana; Arquitectura funerária.

ABSTRACT

Results of the archaeological excavation carried out at the Torre Velha 3 (Serpa, Beja). Older Chalcolithic occupation continued during the Bronze Age, with funerary and living architecture, among which is one of the biggest sets of hypogeum funerary structures found in southern Alentejo to date. The site was also occupied by 1st Iron Age communities and has proved to be one of the most important Late Roman housing and funerary centres in the south of Portugal.

KEY WORDS: Copper age; Bronze age; Iron age; Roman times; Funerary architecture.

RÉSUMÉ

Résultats de la fouille archéologique réalisée à la Torre Velha 3 (Serpa, Beja), où la première occupation chalcolithique se déroule pendant l'Âge du Bronze, avec des contextes d'apparence funéraire et habitacionnelle, parmi lesquels se détache un des plus grands ensembles de structures funéraires en hypogée trouvés jusqu'à ce jour dans le Bas Alentejo. Le site a également accueilli des communautés du 1er Âge de Fer et, finalement, a révélé un des plus grands centres habitacionnels et funéraires de chronologie romaine tardive du Sud du Portugal.

MOTS CLÉS: Âge du Cuivre; Âge du Bronze; Âge de Fer; Époque romaine; Architecture funéraire.

¹ Palimpsesto, Lda.^a (geral@palimpsesto.pt).

[texto entregue para publicação em Fevereiro de 2010, com actualização pontual em Abril de 2012]

Nota dos autores: este artigo foi preparado para publicação nesta revista em finais de 2009. Posteriormente foram elaborados estudos mais pormenorizados, para determinadas diacronias de ocupação de Torre Velha 3, alguns entretanto dados já à estampa (ALVES *et al.* 2010; PORFÍRIO e SERRA 2010), outros ainda por publicar (ALVES *et al.*, no prelo; ESTRELA *et al.*, no prelo). Os dados e as leituras aqui reproduzidos deverão, por estas razões, ser lidos à luz da sua data de elaboração.

AS DIACRONIAS DE OCUPAÇÃO DE TORRE VELHA 3

A ocupação calcolítica de Torre Velha 3 materializa-se apenas em cinco estruturas escavadas no substrato geológico, especialmente próximas, com diferentes morfologias e funcionalidades: duas estruturas de tipo silo / fossa, uma possível fossa inacabada ou destruída pelas ocupações posteriores e duas fossas com utilização sepulcral.

As fossas com utilização sepulcral apresentam secção rectangular, base aplanada, cuja largura é praticamente coincidente com a do topo (entre 200 e 220 cm), e uma potência estratigráfica entre os 50 e os 100 cm. As duas inumações registadas são individuais. O esqueleto [1998=2155] encontrava-se junto a uma das paredes da estrutura negativa e em decúbito dorsal; o esqueleto [2015] (ver Fig. 4) estava depositado numa zona relativamente central e em decúbito lateral direito. Em ambas as estruturas, sobre os níveis de enterramentos, foram identificados anéis pétreos colocados junto às paredes, estêreis em espólio arqueológico. Estas características assemelham-se às documentadas, por exemplo, nos grandes povoados andaluzes de Valencina de la Concepción (JIMÉNEZ 2004) e do Polideportivo de Martos, em Jaén (LIZCANO *et al.* 1993). As estruturas utilizadas e os rituais funerários de Torre Velha 3 inscrevem-se perfeitamente no quadro dos espaços funerários das sociedades do Calcolítico.

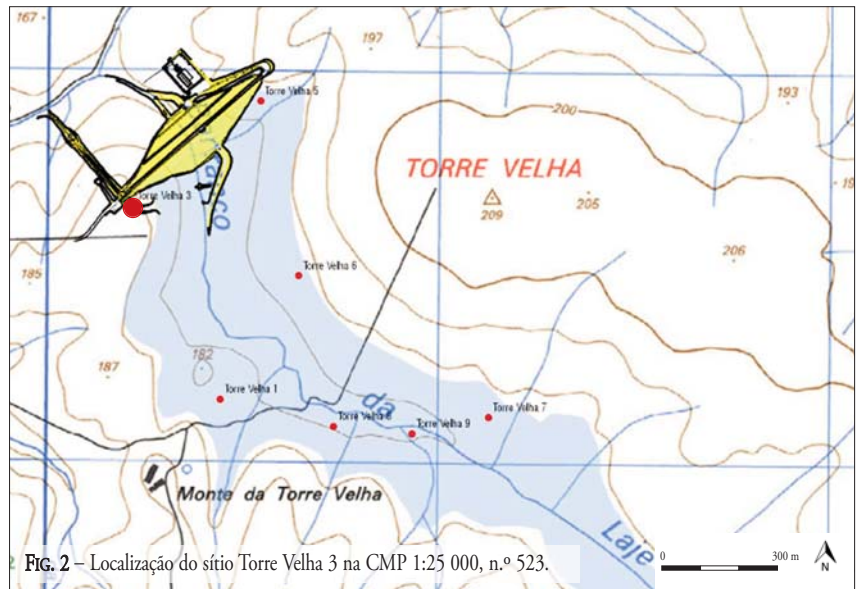


FIG. 2 – Localização do sítio Torre Velha 3 na CMP 1:25 000, n.º 523.

O espólio proveniente dos enchimentos destas estruturas negativas é constituído por um conjunto significativo de materiais cerâmicos, de que destacamos a presença expressiva de recipientes lisos, principalmente taças carenadas, a quase ausência de pratos e de formas espessadas, e a fraca presença de elementos de tear, que surgem apenas numa forma: placas ovaladas, com uma perfuração em cada extremidade. A percentagem de elementos líticos é muito diminuta, sendo os materiais classificáveis exclusivamente de pedra polida: duas enxós, um martelo em anfíbolito verde-escuro e cinco moventes de granito. Em pedra lascada, apenas se registaram algumas lascas e fragmentos de núcleos. As matérias-primas seleccionadas para esta indústria lítica encontram-se disponíveis localmente, na envolvente do próprio sítio ou a escassos quilómetros.



FIG. 3 – Vista parcial da intervenção arqueológica.



FIG. 4 – Enterramento [2015].

Ainda que reduzidos, os materiais polidos calcolíticos são diversificados, muitos deles relativamente “pesados”, associados a actividades de transformação do meio com forte carácter agrícola, o que pressupõe uma ocupação permanente ou pelo menos relativamente estável no local. Em Torre Velha 3 foi possível identificar, seja em utilização primária ou em reutilizações, três tipos de estruturas negativas da Idade do Bronze com enterramentos humanos: em fossa (sete ocorrências), em nicho / gaveta escavado na parede de uma fossa (um caso), e em hipogeu (25 situações). Estes dois últimos tipos de estruturas negativas foram construídos e utilizados com fins exclusivamente funerários, diferindo da situação observada nas fossas, que se presume tratar-se de contextos originalmente construídos para servirem de apoio a um núcleo habitacional e posteriormente reutilizados como sepulcros.

Com excepção do monumento de Belmeque (SCHUBART 1974; SOARES 1994), com paralelos na sepultura 95 de Fuente Álamo (SCHUBART *et al.* 1989), ou seja, conectado com o mundo argárico da região de Almería, até ao momento, poucas eram as publicações portuguesas (VALERA e FILIPE 2010) com referência a este tipo de contextos, tradições e arquitectura funerárias, que indicassem semelhanças com aquela área peninsular.

A construção das estruturas do tipo hipogeu iniciava-se pela escavação no substrato geológico de um átrio ou antecâmara. Posteriormente, numa das paredes desta, era efectuada o corte da interface da câ-

mara funerária, que apresentava uma forma genericamente ovalada, base aplanada e paredes de tendência côncava. A ligação entre a antecâmara e a câmara era, na grande maioria dos casos, vencida em rampa, com três casos onde foi adoptado um escalonamento ou degrau. A condenação da câmara realizava-se mediante a erecção de blocos pétreos colocados em cutelo e ligeiramente inclinados sobre os enchimentos da câmara. Em 13 casos constatou-se a utilização de uma argila muito rígida de grão grosseiro, colocada sobre os elementos pétreos, preenchendo e de algum modo impermeabilizando os espaços vazios entre eles, fosse numa perspectiva funcional ou ritual (Fig. 5).



FIG. 5 – Hipogeu [1489]-[1490].

Deste modo, fica evidente uma normalização do ponto de vista do planeamento arquitectónico, ainda que cada monumento apresente particularidades do ponto de vista morfológico, relacionadas com o tipo de inumações e de espólio associado, ou mesmo com o processo de sedimentação estratigráfica.

A presença de átrio, à semelhança do que ocorre no mundo argárico, seria, em nosso entender, o local onde ocorreriam os rituais de comensalidade, cujos testemunhos se materializam nas oferendas detetadas no interior da câmara, que acompanhavam os cadáveres.

A opção pela construção de um átrio de forma quadrangular é superior às demais, com dez registos, seguida pelos átrios rectangulares (sete), ovalados (quatro) e circulares / em poço (dois). Em cinco das antecâmaras rectangulares, a câmara é escavada na extremidade oposta à do acesso ao átrio; nos restantes, a câmara é construída numa parede lateral, permitindo um acesso menos directo, desde a entrada do átrio, em L invertido.

Tanto as estruturas funerárias como os indivíduos inumados possuem orientações diversificadas, reflectindo a ausência de uma padronização aquando do planeamento e construção dos sepulcros e consequente colocação dos corpos no interior das câmaras. Foi possível recuperar do interior destes sepulcros 23 esqueletos, seis reduções, dois ossários, dois registos de ossos isolados e 48 oferendas funerárias. Neste conjunto de hipogeus, em apenas três não foi possível observar qualquer tipo de oferenda a acompanhar o inumado.

Como é apanágio deste âmbito cronológico, o tipo de deposição dos indivíduos sepultados em Torre Velha 3 foi invariavelmente fetal, salvo uma excepção, cuja explicação deverá relacionar-se com a dimensão corporal do indivíduo, ou com a condição física do morto e com o espaço disponível para a sua inumação. O indivíduo [2032] encontrava-se, assim, em decúbito dorsal, com os membros inferiores flectidos.

Numa primeira análise, é perceptível a ausência de uma uniformidade artefactual na combinação dos objectos que acompanhavam os defuntos. Em seis casos, registou-se a associação entre um recipiente cerâmico e um artefacto metálico; em quatro, a combinação consistiu nestes dois últimos tipos, acrescentados por uma oferenda cárnea; em três sepulcros apenas surgem peças cerâmicas; noutra o inumado ostentava um colar de conchas de búzio e, num caso, apenas uma oferenda cárnea e um recipiente cerâmico.

Em regra, o artefacto metálico consistia num punção e surgia sempre associado a outros artefactos, metálicos, cerâmicos ou oferendas cárneas. Esta associação foi observada em quatro situações.

As formas cerâmicas mais representadas nos hipogeus de Torre Velha 3 são as formas 3 e suas variantes (3b2 e 3a) e 5 (com a variante 5a) de Schubart (RISCH e SCHUBART 1991), seguidas das formas 6 (variante 6a) 7, 8 e 10 e do tipo Atalaia, com expressão mínima.

Refira-se apenas que o enterramento feminino [1799] (FERREIRA 2009), acompanhado por um recipiente do tipo 6a, difere do tradicionalmente conhecido no mundo argárico, em que esta forma cerâmica, em contextos funerários, é associada a sepulturas masculinas, com armas e espólio rico.

As jarrinhas com uma decoração caracterizada por uma repetição de nervuras verticais em forma de gomo, cobrindo toda a superfície do bojo e atravessando perpendicularmente o corpo deste vaso esferoidal, com colo estrangulado, gargalo curto e bordo fortemente exvertido, encontram fortes paralelos nos sepulcros das necrópoles de Alcaria, Peral, ou mesmo na sepultura VI3 de Atalaia (SCHUBART 1965: fig. 18h).

Tal como sucede nos rituais de enterramento das sociedades argáricas, também em Torre Velha 3 foram identificados vestígios do sacrifício e consumo de espécies maioritariamente bovinas, na forma de oferendas cárneas. Estas surgiam isoladamente ou associadas a outro tipo de espólio, tratando-se de um fenómeno que reflecte rituais de comensalidade e sugere uma alternativa material às diferentes classes sociais (ARANDA JIMÉNEZ e ESQUÍVEL GUERRERO 2006). Considera-se que o consumo de alimentos contribuía para afirmar o sentido de comunidade, aparentando ser um acto ritual / simbólico recorrente, numa associação preferencial com as estruturas funerárias do tipo hipogeu.

As estruturas negativas em fossa, cujos depósitos de enchimento são atribuíveis à Idade do Bronze, contabilizam sete exemplares, possuindo um ou mais episódios de inumação, totalizando onze esqueletos, uma redução e um ossário. Merece destaque a identificação da fossa [1064], na qual surgiram dois esqueletos, [830] e [831], de ambos os sexos, orientados de Sudeste para Noroeste, e cuja deposição constitui excepção no sítio arqueológico, por terem sido depositados em decúbito ventral, junto à parede Sudeste da estrutura e abraçados pelas costas. Por algum motivo que desconhecemos até ao momento, os membros inferiores, um dos superiores de cada indivíduo, coluna e vértebras estavam ausentes do registo arqueológico. Os restantes vestígios osteológicos exumados estavam em perfeita conexão anatómica, o que faz deste caso uma das situações a analisar com maior pormenor numa posterior investigação laboratorial antropológica. Pretende-se, desta forma, confirmar eventuais episódios de ordem ritual ou de acções relacionadas com desmembramento intencional, a título de exemplo.

Por norma, os enterramentos em fossa não possuem espólio associado e são colocados junto a uma das paredes da estrutura negativa. Mais uma vez, a fossa [1064] constitui uma excepção, dado o aparecimento de espólio cerâmico e lítico associado aos esqueletos, com taças carenadas e denticulados (Fig. 6).

Num contexto extremamente violado pela acção de corte das estruturas [1060] e [1044] da ocupação mais recente do sítio, detectou-se a única estrutura funerária sob a forma de um nicho lateral tipo gaveta, com a inumação de uma criança, na unidade estratigráfica [1045].



FIG. 6 – Esqueletos [830] e [831], sepultados no interior da Fossa [1064].

O indivíduo encontrava-se em posição fetal, com a frente virada para a entrada do nicho, não possuía redução nem ossário ou qualquer oferenda, e estava em muito mau estado de preservação.

Dentro deste espectro cronológico, o conjunto de estruturas negativas escavadas no substrato geológico [224] com maior expressão numérica em Torre Velha 3, corresponde a estruturas de apoio habitacional do tipo silo / fossa, com 70 exemplares). Morfológicamente, assiste-se a uma maior frequência dos perfis em U e rectangulares, sendo dominantes as potências estratigráficas conservadas com mais de 100 cm.

Os enchimentos destas estruturas, sem excepção, não denunciam a presença dos vestígios de depósitos primários associados à utilização das interfaces para a armazenagem de géneros alimentícios, mas sim níveis de pedra e sedimentos com pouco material arqueológico, o que parece evidenciar uma relativa rapidez na colmatação das mesmas.

Podemos desde já adiantar que ficou perceptível a diferença entre a tipologia dos recipientes ofertados em contexto fúnebre e os exumados do interior dos contextos domésticos. Para além de existirem formas que não estão presentes no segundo, as matrizes decorativas detectadas nos recipientes ofertados não têm paralelos nos restantes contextos.

Quanto às formas de tratamento, regista-se uma paridade, já que em ambos detectámos recipientes com brunidos muito espessos e de muito boa qualidade, à semelhança do que sucede no povoado e necrópole de Fuente Álamo (SCHUBART 2004).

No que respeita aos restantes materiais arqueológicos recuperados, merece especial destaque o conjunto de líticos provenientes do silo / fossa

[1722]. Trata-se de uma estrutura que continha nos seus enchimentos uma quantidade e diversidade de utensílios e restos líticos bastante expressivos do processo de debitagem. Se a entendermos como uma micro-realidade, representativa de um local de talhe, o estudo deste conjunto artefactual poderá acrescentar linhas à investigação para o conhecimento da indústria lítica da Idade do Bronze regional.

O contexto da I Idade do Ferro pouco ou nada acrescenta ao conhecimento dos padrões da cultura material – entenda-se, das realidades de construção desta cronologia, uma vez que não surgiram no registo arqueológico quaisquer evidências de estruturas. De qualquer modo, a presença de abundantes fragmentos de um mesmo *pitchos* e de uma fíbula de dupla mola coloca este sítio no panorama das ocupações mais antigas da I Idade do Ferro no Baixo Alentejo interior. Este tipo de recipiente cerâmico associa-se maioritariamente a contextos habitacionais, como elemento de armazenagem, sendo menos recorrente a sua utilização em contextos funerários de incineração. A peça de Torre Velha 3 caracteriza-se por possuir um bordo exvertido e, pelo menos, uma asa conservada, que arranca do bordo, e por ter o corpo separado do colo cónico através de uma moldura (TORRES ORTIZ 1999). Estes descritores, algo vagos (tanto mais que urge uma acção de restauro realizada sobre os inúmeros fragmentos identificados durante a escavação), apontam para uma cronologia centrada no séc. VII a.C.

A fíbula de dupla mola identificada neste contexto é do subtipo Schüle 2a/Ponte 3-A, com uma cronologia dilatada e iniciada, segundo alguns autores, durante o Bronze Final, com paralelos, por exemplo, na Quinta do Marcelo, Almada (PONTE 2006: 98), mas datada

de uma ocupação da Idade do Ferro no Castro dos Ratinhos, Moura, onde se integra na fase 1-a, datada da segunda metade do séc. VIII a.C. (BERROCAL-RANGEL e SILVA 2010-304).

A estratigrafia de Torre Velha 3 parece colocar de parte a possibilidade da existência de um contexto funerário, o que confirmaria a utilização do *pithos* como vaso de armazenamento. Encontrava-se disperso ao longo de oito unidades estratigráficas e num contexto devoluto, com os restantes materiais despejados no interior de uma extensa vala / depressão [1946].

No âmbito da Antiguidade Tardia, o grupo de estruturas negativas com função primária destinada à armazenagem de produtos agrícolas e com reutilização enquanto lixeira e/ou inutilizadas por um entulhamento indiferenciado, é, sem dúvida, o de maior representatividade no sítio, com 143 presenças.

Predominam os perfis em U e as potências estratigráficas que oscilam entre os 100 e os 200 cm. Em muitas delas, a primeira acção de enchimento materializa-se no depósito de um ou dois *lattere* inteiros, como que sentenciando o uso primário enquanto silo e reutilizando-as, por exemplo, enquanto lixeira. Outro caso relaciona três silos / fossas (dois deles espacialmente próximos), na medida em que se removeu da primeira unidade de enchimento de cada um deles um fragmento de uma mesma mó circular de granito, com orifício central. Também aqui este facto é sintomático de uma intenção declarada em abandonar o uso das estruturas, entulhando-as, com a particularidade de ter sido verificada a proximidade desta acção no tempo. Os sedimentos de enchimento são maioritariamente carbonatados e possuem abundantes elementos de substrato geológico desagregado, o que poderá significar uma amortização simultânea à abertura de outras estruturas negativas espacialmente próximas, já que o sedimento extraído teria de ser depositado noutra local. Outra hipótese poderá relacionar-se com a morosidade da sua colmatação, o que resultaria num derrube da parede e do bocal das estruturas, mesclando-se com os sedimentos depositados por mão humana e deformando assim a sua morfologia original. Foram ainda identificados casos de enchimento rápido, mediante a colocação indiferenciada de sedimentos estéreis e depósitos com massas pétreas densas.

No que concerne às estruturas de tipologia silo, foram registadas três ocorrências. Trata-se de interfaces abertas no substrato geológico, preenchidas por grandes recipientes cerâmicos (talhas / *dolia*).

Mas nem só de estruturas negativas se caracterizou a estratigrafia tardo-antiga de Torre Velha 3. Destaca-se a identificação de dois compartimentos fechados, os Ambientes I e II, de características espaciais muito distintas e para as quais se podem apontar várias vias de investigação, no que respeita às suas funcionalidades.

O Ambiente I era definido por quatro muros, perfazendo um rectângulo orientado de Noroeste para Sudeste, fechando um espaço cujo pavimento era em *opus signinum*, sobreposto a blocos de granito afeixoados e dispostos na horizontal. A caracterização funcional deste es-

paço não se afigura fácil, sendo de presumir que deveria tratar-se de uma estrutura fechada, sem vãos de passagem, apenas acessível a partir do seu topo. Poderia corresponder a um tanque, com eventual função de armazenamento de águas pluviais. O Ambiente II partilha a orientação e a morfologia, e, apesar de destruído a Nordeste, é de supor que aqui se encontraria o acesso a um espaço definido por muros de largura razoável, observação que, associada à área conservada do compartimento, deverá fazer entender a existência de um espaço original de proporções consideráveis, pelo menos da ordem dos 40 m². Foi identificado um momento de utilização, materializado num piso de terra batida e numa lareira. Este compartimento deverá ter funcionado como habitação ou como uma oficina.

Já no que respeita a contextos funerários, foi identificado um conjunto de 28 sepulturas rectangulares, estruturadas ou não, que caracterizam o sítio de Torre Velha 3 como um dos mais importantes do Baixo Alentejo. A estes enterramentos somam-se os esqueletos e os ossários / ossos soltos identificados em seis fossas (Fig. 7). A atribuição de uma cronologia tardo-antiga para estas evidências advém, não só da observação simples de que em nenhum caso se observou espólio associado, não obstante o bom grau de conservação das estruturas rectangulares, como, e principalmente, da leitura que a estratigrafia e os materiais saídos das fossas permitiram.

Relativamente à orientação das sepulturas, estruturadas ou não, observa-se a ausência de um padrão único, podendo no entanto assumir-se que as estruturas com uma mesma orientação e espacialmente próximas deverão pertencer a uma mesma família ou geração (CUNHA 2004: 52). Quanto à posição em que se encontravam os esqueletos, verifica-se que nas sepulturas estruturadas com elementos de construção, os indivíduos eram inumados em decúbito dorsal e, nas restantes, a maioria deles era inumada em decúbito lateral direito. A excepção é feita nos sepulcros em fossa, com deposições variadas.

Do espólio cerâmico recuperado destacamos o facto de os fragmentos de cerâmica de construção recolhidos terem sido detectados tanto em contextos devolutos no interior das estruturas negativas de apoio a um núcleo habitacional, como revestindo alguns dos covachos sepulcrais deste período. Importa ainda referir que o cruzamento das quantidades do espólio de cerâmica comum com as quantidades do espólio de cerâmica fina evidencia uma comunidade modesta, com uma residual aquisição de peças de serviço de mesa que podiam ser local ou regionalmente fabricadas. As pastas evidenciam precisamente isso, com uma larga percentagem que deverá ser de origem local ou regional, acessíveis e aptas para as necessidades do quotidiano. Só em casos raros se conseguiu apurar uma origem mais longínqua para as produções cerâmicas, (quase) sempre procedentes das zonas costeiras da Bética. Assim, dos poucos fragmentos de cerâmica fina recuperada, destacamos um bordo de uma peça de forma indefinida com provável fabrico africano, aparentemente idêntico à forma 3 de Hayes de *terra sigillata* focense, datado dos sécs. V-VI d.C.



FIG. 7 – Esqueletos humanos identificados na Fossa [2579].

O acervo material tardo-antigo de Torre Velha 3 é vasto e diversificado, carecendo de um estudo que nos permita afinar cronologias e analisar os novos dados que enriquecem este período cronológico, ainda tão pouco conhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocupação calcolítica de Torre Velha 3, como a de outros sítios próximos, é certo que acrescenta pontos no mapa, mas individualmente não altera o vazio regional que se faz sentir para esta cronologia. De facto, estes “pequenos” sítios com estruturas escavadas na rocha, por vezes com inumações humanas no seu interior, demonstram somente que estes espaços eram ocupados por sociedades agropastoris relativamente estáveis, não permitindo conhecer as características e a organização do seu povoamento ao longo dos IV e III milénios a.C. O mesmo se passa com a investigação arqueológica referente à Idade do Bronze do Sudoeste peninsular, num estado muito embrionário, situação que resulta maioritariamente da nossa realidade histórica, uma vez que os poucos dados disponíveis relacionam-se com achados isolados decorrentes de fenómenos de violação de contextos arqueológicos, ou de empreendimentos públicos sujeitos a acompanhamento arqueológico que colocam a descoberto este tipo de evidências, e que se aliam muitas vezes à parca publicação de dados.

Neste panorama, o mundo funerário afigura-se como a realidade que melhor define e se começa a conhecer destas populações, atenuando a lacuna latente entre o Calcolítico e o Bronze Final. O Bronze do Sudoeste forma-se na tradição do Calcolítico – Horizonte de Ferradeira (SCHUBART 1971) –, acentuando-se a utilização funerária de espaços naturais e a convivência, por exemplo, de fossas com reutilizações funerárias, típicas do III mas também do II milénio a.C.

A grande novidade e, mais que isto, a confirmação registada em Torre Velha 3, refere-se a um tipo de sepulcros / hipogeus, num total de 25, “parentes” da sepultura 95 de Fuente Álamo. A similitude entre o mundo argárico e este contexto reside, igualmente, na proximidade das formas cerâmicas ofertadas e na presença de um ritual funerário muito característico, traduzido em oferendas cárneas, decorrentes de rituais de comensalidade, típicos deste mundo.

As práticas funerárias da 1ª metade do II milénio a.C. da margem esquerda do Guadiana sugerem assim, cada vez mais, uma multiplicidade de opções e variações, sendo que a forte influência do mundo argárico não fere a individualidade do Bronze do Sudoeste, apenas acrescenta novos e estimulantes dados, proveitosos num futuro próximo. Os materiais sidéricos identificados em Torre Velha 3 num contexto devoluto deverão, muito presumivelmente, ser originários de outro local não muito afastado, ou mesmo de outro ponto do terreno deste sítio arqueológico. Esta observação, sobretudo no que respeita directamente ao *pithos* e à fíbula de dupla mola do subtipo Schüle 2a/

/Ponte 3-A, colocam este sítio no mapa da Idade do Ferro regional, perspectivando novidades num período ainda tão mal conhecido.


Se os vestígios materiais do Alto Império romano na região de *Pax Iulia* (Beja) se encontram razoavelmente conhecidos, o mesmo não se poderá dizer do Baixo-Império. A situação complica-se após a divisão do Império no séc. V, e, neste particular, com as poucas evidências da religião cristã que, aos poucos, ao longo dos séculos, consegue destronar o paganismo: “[...] as provas arqueológicas da presença real do cristianismo em contexto rural no território lusitano permanecem escassas [...]” (CUNHA 2004: 85).

Os contextos identificados em Torre Velha 3 inserem-se nesta problemática e carecem de uma análise sistemática (a efectuar atempadamente), já que as suas características evidenciam um potencial informativo que não é de menosprezar e que proporcionará dados esclarecedores para a compreensão deste período cronológico.

A relevância de Torre Velha 3 decorre não só da quantidade dos contextos, mas, sobretudo, da sua qualidade e diversidade, particular-

mente interessantes no que à Idade do Bronze diz respeito, com dados como os directamente relacionados com os rituais funerários ou com as vivências do quotidiano. O mesmo pode ser apontado para os dados das restantes ocupações identificadas no local.

A divulgação dos resultados da intervenção arqueológica de Torre Velha 3 deverá ser pensada a médio prazo, não só porque a quantidade, a qualidade e a diversidade dos dados assim o obriga, como a Arqueologia, enquanto campo do saber, deve, imperiosamente, integrar-se no seu tempo, permitindo a divulgação do seu trabalho à comunidade em geral.

Neste aspecto, encontra-se já constituído um grupo de trabalho pluridisciplinar, numa colaboração com o Instituto Tecnológico e Nuclear e com o Instituto de História do CCHS-CSIC de Madrid, incluindo diversos investigadores, como António Monge Soares para as questões relacionadas com o Bronze do Sudoeste e datações radiocarbónicas, Pedro Valério para a Arqueometalurgia, e Marta Moreno García no âmbito da Zooarqueologia. 

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (2009) – *Torre Velha 3. Relatório Final (2ª fase). Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da Construção da Barragem da Laje (Serpa). Relatórios Palimpsesto 2009*.
- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (no prelo) – “Análise Preliminar dos Contextos da Antiguidade Tardia do Sítio Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). Actas do IV Colóquio de Arqueologia de Alqueva (Beja, 24-26 Fev. 2009).
- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M.; SOARES, A. M. M. e MORENO-GARCÍA, M. (no prelo) – “Caracterização Preliminar da Ocupação Pré-Histórica da Torre Velha 3 (Barragem da Laje - Serpa)”. Actas do IV Colóquio de Arqueologia de Alqueva.
- ALVES, C.; COSTEIRA, C.; ESTRELA, S.; PORFÍRIO, E.; SERRA, M.; SOARES, A. M. M. e MORENO-GARCÍA, M. (2010) – “Hipogeuos Funerários do Bronze Pleno da Torre Velha 3 (Serpa, Portugal). O Sudoeste no Sudoeste?”. *Zephyrus. Revista de Prehistoria y Arqueología*. 66: 133-153.
- ARANDA JIMÉNEZ, G. e ESQUIVEL GUERRERO, J. A. (2006) – “Ritual Funerario y Comensalidad en las Sociedades de la Edad del Bronce del Sureste Peninsular: la Cultura de El Argar”. *Trabajos de Prehistoria*. 63 (2): 117-133.
- BERROCAL-RANGEL, L. e SILVA, A. C. (2010) – “O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num Povoado Proto-histórico do Guadiana, 2004-2007”. *O Arqueólogo Português*. Suplemento 6.
- CUNHA, M. (2004) – *Siveirona: do mundo funerário romano à Antiguidade tardia. Sete décadas depois*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa [policopiado].
- ESTRELA, S.; COSTEIRA, C.; ALVES, C.; PORFÍRIO, E. e SERRA, M. (no prelo) – “Torre Velha 3 (Serpa): um novo ponto no mapa da Idade do Ferro do Sudoeste”. Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular (Almodôvar, 18-20 Nov. 2010).
- Ferreira, M. T. (2009) – *Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa). Relatório dos trabalhos de Antropologia biológica desenvolvidos no âmbito da minimização de impactes no sítio da Torre Velha 3*. Policopiado.
- JIMÉNEZ, J. (2004) – “Carta Arqueológica Municipal de la Valencina de la Concepción”. *Arqueología Monografías*. Sevilha: Junta de Andalucía.
- LIZCANO, R. et al. (1993) – “1ª Campaña de Excavación de Urgencia en el Pabellón Polideportivo de Martos (Jaén)”. *Anuario Arqueológico de Andalucía, 1991*. Sevilha: Junta de Andalucía. 3: 278-290.
- OLIVEIRA, J. T. et al. (1992) – *Carta Geológica de Portugal – escala 1:200 000, Notícia explicativa da folha 8*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- PONTE, M. S. (2006) – *Corpus Signorum das Fibulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.
- PORFÍRIO, E. M. B. e SERRA, M. A. P. (2010) – “Rituais Funerários e Comensalidade no Bronze do Sudoeste da Península Ibérica: novos dados a partir de uma intervenção arqueológica no sítio da Torre Velha 3 (Serpa)”. *Estudos do Quaternário*. 6: 49-66.
- RISCH, R. e SCHUBART, H. (1991) – “Las Estelas Argáricas de Fuente Álamo”. *Trabajos de Prehistoria*. 48: 187-202.
- SCHUBART, H. (1965) – “Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo”. *Arquivo de Beja*. 22: 7-124.
- SCHUBART, H. (1971) – “Acera de la Cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste Peninsular”. *Trabajos de Prehistoria*. 28: 153-182.
- SCHUBART, H. (1974) – “Novos Achados Sepulcrais do Bronze do Sudoeste II”. In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 2, pp. 65-86.
- SCHUBART, H. (2004) – “La Cerámica Argárica en la Estratigrafía de Fuente Álamo. Campañas de 1977-1982”. *SPAL*. 13: 35-82.
- SCHUBART, H. et al. (1989) – “Fuente Álamo. Vorbericht über die Grabung 1988 in der bronzezeitlichen Höhensiedlung”. *Madridrer Mitteilungen*.
- SOARES, A. M. M. (1994) – “O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As necrópoles do concelho de Serpa”. In *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 2, pp. 179-197.
- TORRES ORTIZ, M. (1999) – *Sociedad y Mundo Funerario en Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.
- VALERA, A. C. e FILIPE, V. (2010) – “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico Final à Idade do Bronze”. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia. 5: 49-56 (em linha; disponível em <http://www.nia-era.org>; consultado em 2010-03-12).